

EMBOSCADA MORTAL E JOGOS POLÍTICOS EM UM FUNERAL

Recebido: 17/02/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2733

Eval Cruz¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6804-8604>

“somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: (...) E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina (...)”²

A morte, assim como o nascimento, é fenômeno que sempre acompanhará a humanidade, e o significado que o homem dá ao fim da vida pode-se variar dependendo do período histórico, da sociedade, ou mesmo do tipo de morte pela qual os indivíduos possam vir a passar; contudo, sabido é que o homem, cedo ou tarde, terá a morte fechando sua biografia. Em nossa sociedade, em alguns momentos, essa é uma questão que muitas pessoas evitam, ou mesmo quando o assunto é abordado, a discussão é encerrada com brevidade, todavia a morte nunca esteve tão presente em nosso meio como na atualidade, por isso a importância de se falar sobre ela. Seguramente, a morte alcançará a todos os homens, sem distinção, e como dissera João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina*, há aquele que “[...] morre de velhice antes dos trinta”, aquele que morre de “[...] emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia [...]”³, e/ou até mesmo aquele que não chega a nascer, pois a morte cuidou para que não provasse de uma vida fora do ventre materno.

À vista disso, deve-se dizer que a morte chegou à casa de uma dessas famílias camponesas, numa manhã de quarta-feira ensolarada e muito abafada e, sem aviso prévio, com muita violência, ceifou a vida da senhora Belanizia Afonsa da Rocha e Leal (Bela). Ela não era mulher de superstições sobre morte ou medo de morrer, como muitos eram em suas redondezas, aquele tipo de pessoa que diz “saber” quando algo de ruim vai acontecer, quando vai morrer – “gente de presságios”. Ela ouvia as superstições da vizinhança, quase acreditava em muitas

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (2008) e mestrado em Antropologia (PPGA/UFS) pela mesma instituição. Tem experiência na área de História, com ênfase em História das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: candomblé, cultura, identidade e poder. E-mail: evalc07@gmail.com

² NETO. João Cabral de Mello. **Morte e Vida Severina**. NEAD – Núcleo de Educação a Distância. Universidade da Amazônia. Belém – Pará. Pág.02

³ *Ibidem*, p. 03

delas, às vezes até argumentava também sobre “causos” que ouvira ao longo de sua vida; mas ao deixar a conversa, deixava ali também as superstições alheias. Respeitava, mas não dava crédito a elas. Era uma mulher de fé católica – uma daquelas pessoas que iam à igreja em datas precisas: missas, poucas, aos domingos pela manhã; Trezena e procissão ao Santo Antônio e, às vezes, algumas novenas particulares. Por assim ser, ao acordar, antes mesmo de levantar-se, pedia a Deus e Nossa Senhora Aparecida – Santa de sua devoção – guiança para seu dia, “benção” e proteção para si e para sua família. E essa fora a oração que fizera todos os dias.

Dizia que nascera para o trabalho e, embora tivesse um físico franzino, era mulher de braços fortes. Não tinha medo ou mesmo preguiça de enfrentar a lida diária do campo, o que não é fácil. Sempre disposta e solícita, não se preocupava somente com os seus, mas estava sempre atenta a todos a sua volta, a ponto de se deslocar de seus afazeres para ajudar aqueles que lhe pedissem por qualquer tipo de ajuda – motivo que a tornou muito querida entre a sua vizinhança e amigos – que eram muitos.

Casada com Faustino da Rocha e Leal, primeiro e único namorado, Bela tivera três filhos: duas “meninas” e um “menino” que ajudava ao pai na lida com a herdade e com o gado. Ângelo da Rocha e Leal – ultimogênito de Bela – não era muito apegado aos estudos, mas estava sempre disposto para os serviços da propriedade e, por assim ser, preferira ficar na herdade com seus pais, apegando-se cada vez mais àquela lida diária do campo. Crescera motivado pela mãe e pela irmã mais nova, que o estimulavam a outras atividades fora da propriedade, mas o que o movia a sair da fazendola era o futebol, as feiras agrícolas e, às vezes, as namoradinhas. Já as “meninas” – uma delas já casada e com filhos – moravam em Cascalha, pois ali puderam estudar e trabalhar em outras atividades, diferentes daquelas que a sua realidade campesina podia oferecê-las. A mais velha, Antônia da Rocha e Leal, tornou-se empresária, atuando no ramo de perfumaria, enquanto sua irmã, Juliette da Rocha e Leal, tornara-se uma simpática e prestativa assistente social na cidade.

Deve-se dizer que Cascalha é uma pequena cidade, um daqueles locais em que se pode encontrar todo tipo de pessoas, das mais agradáveis e simples, às mais egoístas, dissimuladas e prepotentes e, penso, que as duas últimas em maior quantidade. Como toda cidade interiorana nordestina brasileira, há os grupos políticos que se destacam e, em Cascalha, há três desses agrupamentos e um aglomerado de eleitores, capachos fiéis a seu líder. Eleitores que, para defender seu posicionamento político, dissimulam verdades, tornando um diálogo coerente, racional, quase que impossível.

Esses aglomerados políticos e seus eleitores vivem uma verdadeira teatralização pública em períodos eleitorais, cada um com uma performance maior que outra e sempre querendo

impressionar os adversários. Sendo uma das maiores cidades de sua região, muitos olhares se voltam para o lugar, tanto os bem-intencionados como aqueles que veem ali celeiro propício para algum tipo de crime e/ou desonestidade. Assim, por ser vista como centro de desenvolvimento em vários seguimentos, ao mesmo tempo aglomera, para alguns o progresso e, para outros, o caos.

Antes de adentrarmos ao caos que se abatera à casa dos Rocha e Leal, é importante dizer que a cada novo amanhecer, vive-se um novo capítulo de nossa história que, às vezes, nos parece igual a tantos outros já vividos. Entretanto, os dias, como os seres humanos, são únicos e tudo aquilo que vier ocorrer neles será novo e nem sempre com boas novidades. Assim é que os acontecimentos daquela manhã modificaram para sempre a vida de uma família que marchava sempre otimista, driblando as adversidades, sem perder o rumo. Na herdade dos Rocha e Leal os problemas sempre existiram, mas eram enfrentados e resolvidos com a participação de todos. A partir daquele dia, porém, tudo mudaria completamente, transformando calma em caos.

Sabido é que a vida no campo começa antes mesmo que se avistem os primeiros raios do sol. Por assim ser, era um costume naquela casa os homens sempre se levantarem primeiro que as mulheres e dirigirem-se ao curral. Ali, enquanto Faustino preparava os animais para a ordenha, Ângelo se encarregava da limpeza dos cochos, pois logo os encheria com uma nova ração para aqueles animais que haveriam de ser ordenhados, os demais seriam soltos e levados ao campo aberto. Ademais, a limpeza do local seria feita logo após a saída dos animais para as pastagens. Concentrados em seus afazeres, não perceberam que estavam a todo tempo sendo observados – desde o momento em que deixaram a casa e entraram no aprisco – por um grupo de cinco indivíduos que os atacariam em questão de minutos.

Armados com pistola, revólver, soco-ínglês e um punhal, os sanguinários homens põem seu plano macabro em ação e, sem hesitação, atacam pai e filho, amarrando-os e desferindo, com força descomunal, socos e pontapés. Pegos de surpresa e sem saber de que lugar surgiram aqueles cruéis homens, e por que razão os estavam tratando daquela maneira, desesperado e indefeso, Ângelo chorava e, com o rosto todo lesionado e tentando se levantar – mas sem forças para tanto – percebera que seu pai mantinha a mão sustentando a região abdominal e pedia por Deus e todos os Santos para que aqueles homens parassem com tamanha tortura, o que foi em vão. Na verdade, quanto mais ele pedia por clemência, mais era espancado. Sem suportar tamanha dor – Faustino que mais tarde soubera que tivera duas de suas costelas fraturadas – naquela hora só pensava em Bela, que ainda repousava serena em seu leito sem saber o que se passava em volta de casa, mas a morte se aproxima cada vez mais dela.

E, como dissera Meireles em *Canção Póstuma*, a morte pode ser considerada a “[...] um poderoso vento. [...] suspiro tímido e breve”, ou ainda a “[...] uma águia cujo grito ninguém descreve”⁴. Por assim ser, deve-se dizer que como um vento ligeiro, que surge não se sabendo de que parte e – com a mesma rapidez que surge com a mesma velocidade desaparece, a morte ceifou à vida de Bela naquela triste e inesperada manhã de quarta-feira.

Naquele dia, Bela não fizera suas orações matinais, acordou ouvindo barulhos estranhos ao redor da casa e não soube identificar o que estava acontecendo, nem de que parte poderia estar vindo, foi verificar. Meteu os pés nos chinelos e dirigiu-se à cozinha, cuja porta estava trancada, então virou-se rapidamente e moveu-se, a passos largos, em direção à porta principal da casa, quando fora surpreendida por um desconhecido com o dorso desnudo, já dentro de sua casa, fazendo-lhe gestos de soco com uma das mãos em punho: apavorou-se, tentando correr.

Ao tentar voltar para o quarto, para sair da casa pela janela, percebeu outro homem saindo de um dos quartos da casa, esse lhe tomou pela cintura e lhe deu uma gravata. Enquanto isso, o primeiro homem que ela avistara dentro de casa, pediu que lhe desse todo dinheiro, que mostrasse em que parte da casa estaria o dinheiro do casal. Mal conseguindo falar, Bela disse que não tinha dinheiro dentro de casa, mas que eles poderiam levar o que desejassem. Inconformados, os homens começam a revirar a casa e, num descuido dos meliantes, ela tentou fugir e, mais uma vez, foi detida, mantida sentada em uma cadeira, enquanto os homens procuravam o dinheiro, afirmando que ele estaria em algum lugar na casa.

Naquele exato momento, o leiteiro acionou a buzina para se fazer ouvir e entrar na fazendola, já que àquela hora, o portão da herdade já deveria estar aberto. Bela se agitou e gritou, no intuito de se fazer ouvir, mas foi em vão, os homens se irritavam cada vez mais e, aos empurrões, tiraram-na da cadeira em que estava sentada, lançando seu franzino corpo em direção a um dos “cabras”, esse segurando naquele fatídico momento um punhal, instrumento que adentrou ao peito de Bela. Caída, um suspiro, uma longa lágrima brotara dos seus olhos assustados. Por uma pequena fração de tempo, o silêncio fez-se ouvir, os salteadores saíram levando o pouco que conseguiram, entrando mato adentro.

Quando finalmente o leiteiro Zé Barbalho conseguiu entrar na herdade, dirigiu-se de imediato ao curral com sua caminhonete, pois ali deixaria os tambores vazios de leite que trazia consigo e levaria outros tambores já abastecidos do leite pelos Rocha e Leal. Contudo, ao estacionar, percebera que algo estava errado e, jogando o toco daquilo que fora um charuto, desceu seu pesado corpo do veículo e adentrou ao curral, quando foi surpreendido por Ângelo

⁴ MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles**/Seleção Maria Fernanda - 14ª ed. São Paulo: Global, 2002. Pág. 83

em choque e Faustino que não conseguia ficar em pé direito e lhe pediu ajuda. Atônito, Barbalho argumentou o que havia acontecido ali, e antes mesmo de ouvir uma resposta, saiu a pé e gritando em direção ao portão da propriedade para pedir ajuda a quem passasse por ali.

A notícia se espalhou pelo lugar, chegou a Cascalha, foi anunciada pela imprensa local e regional; a população chocou-se com tanta brutalidade. Quem não conhecia a família, ficou conhecendo por meio da triste notícia. Acionada, a polícia iniciou as investigações, e diziam os bem-informados daquela terra que o delegado e sua equipe teriam carta branca para solucionar o caso. Nesse momento de agonia, dor e perplexidade, é possível lembrar-se claramente das certas e lúcidas palavras de Vinicius de Moraes em Soneto de Separação, quando disse: “*De repente do riso fez-se o pranto/Silencioso e branco como a bruma [...]E das mãos espalmadas fez-se o espanto*”⁵.

O FUNERAL

Ocorrera que naquele dia fatídico, a família Rocha e Leal estava sem rumo e foi precisa a ajuda de familiares e amigos para que alguns cuidados com o funeral fossem tomados. Assim foi decidido que o corpo de Bela não voltaria mais a Jirau – local onde residia e estava sua propriedade – mas seguiria para Cascalha, cidade em que receberia as últimas homenagens de familiares e amigos.

Deve-se dizer que jamais se poderia imaginar a aglomeração para a sua despedida, antes que fosse finalmente descansar junto aos seus ancestrais. O pároco local cedeu uma pequena sala da sua igreja para que as cerimônias fúnebres pudessem acontecer, mas em menos de duas horas o espaço ficou pequeno para receber tanta gente ao mesmo tempo. Por essa razão, todas as cerimônias passaram para o salão paroquial, já que esse acomodaria mais pessoas. Ali estando o esquife com Bela, fora cuidadosamente posicionado no centro do salão – cuja parede ao fundo segurava uma grande imagem do Cristo em madeira que parecia, insistentemente, olhar para baixo – e assim ficara ladeado por dois longos candelabros e sob um tapete em tons de azul claro e escuro, amarelo e marrom, cujo formato das cores lembrava imagens sacras; e

⁵ MORAES, Vinicius. **Livro de Sonetos**. Livros de Portugal * Rio de Janeiro 1957.

nesse cenário, as horas mais lentas para aquela família foram passando com as homenagens que a ela foram direcionadas.

É prudente informar, no momento, que as pessoas de toda Cascalha são bastante curiosas, e por assim serem, muitos que foram àquele funeral, nem ao menos conheciam quem estava sendo velado ou mesmo algum membro de sua família; mas precisavam saber quem era a gentil senhora que fora vítima de uma emboscada. Assim, chegavam não uma, mas várias pessoas e ao mesmo tempo, de muitos lugares e de variadas idades de uma única vez ao local. Algumas entravam, olhavam o ambiente como se investigassem algo, dirigiam-se a outras pessoas conhecidas – conversavam e riam com elas – mas não se dirigiam aos familiares ou mesmo a morta, como comumente se vê em outros funerais, e assim tendo agido, saíam e iam aglomerar-se do lado fora, onde muitas pessoas estavam e falavam de todo tipo de assunto.

E se assim alguns procederam, outros entravam e, aparentando sentimento de respeito ou mesmo de pesar, logo se dirigiam ao esquife, tocavam-no e ali – muitos, entre esses, homens quase em silêncio, tirando o chapéu e levando ao peito – faziam suas preces, às vezes, choravam e se dirigiam aos familiares, cumprimentando-os, na maioria das vezes, com um longo afetuoso abraço.

Como em muitas cidades interioranas e talvez, pela tragédia ter causado comoção em muitos em Cascalha, as velhas raposas da política local aparecessem para pavonearem-se e – como se supunha – não erraram o caminho: os três maiores agrupamentos políticos estiveram no local, acompanhados de uma verdadeira procissão de eleitores admiradores.

O primeiro grupo, considerado o mais forte e tradicional para aquela cidade, chegou logo ao anoitecer. Seu líder cumprimentou os familiares e amigos mais próximos da falecida, prometeu que estaria sempre atento às investigações da polícia sobre o caso. Junto a seus eleitores, e outros políticos daquela aglomeração, sentaram-se fora do salão paroquial e foram tratar de política, falar da violência e fazer promessas aos seus. Houve momentos em que as pessoas, ao invés de se solidarizarem com os familiares da falecida, preferiram ficar aos pés do seu líder político por horas. Lá, quase próximo à meia noite, vê-se que se aproxima uma turba marchando em direção ao salão paroquial. Naquele exato momento, o outro grupo político que chegara primeiro se desfez, seguindo pelas ruas em direções variadas e não retornam, nem mais foi visto no local aquela noite.

Não muito diferente do primeiro grupo que acabara de se retirar do recinto, o segundo ficou um bom tempo no local. Entrou, dirigiu-se de imediato à família, falando-lhe, à parte, procurando se informar por eles de todo ocorrido do dia anterior. Depois dessa conversa mais afastada, voltou-se para o meio do salão e ali fez um discurso sobre a violência e seus projetos

para tentar resolvê-la, prometendo que, se possível, marcaria uma audiência com o governador para que a justiça fosse feita. Enquanto discursava, os presentes naquele momento ouviram-no atentamente sem pestanejar e depois comentaram entre si, que ele sim, faria algo por aquela família. Ao terminar seu discurso, aproxima-se da morta, convidando os presentes a fazerem com ele a oração do Pai Nosso e, todos em uníssima voz, voltando-se à imagem do cristo pendurada à parede, fizeram aquela oração. Tendo feito a sua teatralização, despediu-se de todos e se retirou daquele ambiente.

Como já foi dito anteriormente, os agrupamentos políticos em Cascalha são teatrais e, por assim serem, é evidente que o terceiro, decadente e mais antigo da cidade – sabendo da aparição dos dois outros grupos no funeral – não poderia deixar de ir e, no dia seguinte logo cedo, também foram e performatizaram no salão paroquial. Diferente dos dois primeiros, com maior número de eleitores e seguidores, a agremiação descendente e herdeira das velhas famílias coronelistas, chegou pela manhã acompanhada de um pequeno número de eleitores de meia idade e algumas freiras. Sua líder, dirigiu-se aos poucos naquela hora, leu um trecho dos evangelhos que abordam a ressurreição, rezou com os presentes e justificou sua ausência no funeral por compromissos já marcados para aquele dia. Depois de alguns minutos retirou-se, mas as freiras que vieram em sua companhia ficaram até o final das cerimônias fúnebres.

Mas a essa altura como estaria a família? Ah, sem dúvida alguma não havia palavras que pudessem descrever o estado em que se encontrava aquela família! Faustino – exausto, extremamente nervoso – acendia um cigarro após o outro. Sempre amparado por um sobrinho, aparecera pouco no salão onde Bela estava. Machucado, fora ao hospital para cuidar dos ferimentos, estivera na delegacia para prestar alguns esclarecimentos ao delegado de polícia. Antônia, considerada a filha mais forte dos Rocha e Leal, passou quase a noite inteira sentada – não tinha forças para levantar-se e agir, estava sob efeito de medicamento – parecia aérea a tudo que estava acontecendo a sua volta. Ângelo, oscilava entre um estado catatônico – olhar vago como se estivesse perdido em seus próprios pensamentos – a momentos de choro intenso. Assim como Antônia, mal ficava de pé e quando se levantava era com a ajuda de alguém, mas logo retornava ao assento, entrando novamente numa espécie de letargia.

Por outro lado, aquela considerada a mais frágil, entre aqueles irmãos, mostrou-se a mais forte. Juliette, visivelmente abalada, movimentava-se o tempo inteiro pelo salão paroquial. Chorava muito, mas procurava a todo tempo consolar familiares e amigos, como também era consolada por muitos. Ela sempre repetia a máxima popular: “ quem não vive para servir, não

serve para viver”⁶. E seguindo-a, mesmo estando lacerada pela dor, arrancava forças para viver essa máxima naquele momento, recebendo as pessoas e agradecendo por elas estarem ali.

Percebera a certa altura que o funeral estivera dividido em alguns momentos: o momento da chegada de Bela ao local; o momento aberto para as homenagens, despedidas e – para alguns – momento de visitação ao local; momento para os políticos locais prestarem suas condolências e os momentos finais, de poucas orações e cortejo até o jazigo familiar. Em todos esses momentos houve tensão para alguns e comoção para muitos, ficando visível em todos esses instantes de agonia a imagem dos tipos humanos que por ali passaram. Captou-se, pois, a partir daquele incidente que levara à morte de Bela, que as diferentes adversidades transformam as pessoas e, muitas vezes, reduz o tido forte em um farrapo humano e/ou o contrário, faz o fraco um forte.

Assim percebido, na manhã do dia seguinte, uma quinta feira nublada, lá entre 09h30min e 10h00, um grande aglomerado de pessoas aguardava a saída de Bela do salão paroquial. Elas disputavam os poucos espaços para vê-la pela última vez ou simplesmente para estarem ali até aquele momento final. As freiras que chegaram no início da manhã ainda estavam lá naquela hora e iniciaram uma sessão de orações. Por ser devota de Nossa senhora, rezaram um rosário, seguido pelo Ofício e a Ladainha a Nossa Senhora. No momento da execução da Ladainha, a urna fora lacrada e encaminhada à saída e com salva de palmas iniciase o cortejo fúnebre.

A multidão que se fizera minutos antes daquele cortejo curto – já que o cemitério era bem próximo – fora se dissipando à medida em que se aproxima aquele desfecho. Quando se percebera, restavam apenas amigos mais próximos e alguns familiares e, ali, diante do Jazigo da família, o pequeno grupo familiar se despede e deixam Bela seguir rumo à eternidade.

Tempos mais tarde, soubera, a partir das investigações da polícia – encerradas nove meses depois do crime – que o grupo que invadiu a propriedade da família Rocha e Leal era formado por cinco “cabras”, nunca vistos antes pelas vítimas ou mesmo vizinhança. Todos de estatura mediana, magros, cabelo raspado, sendo um de pele escura e os demais brancos e dois deles com cicatrizes de queimadura nos braços.

Apareceram ali sem que fossem vistos e esconderam-se na propriedade daquela família e esperaram para agirem a fim de furtarem seus pertences e, assim, dirigiram-se às vítimas como um animal que deseja devorar uma presa indefesa, transbordando ódio e ao mesmo tempo

⁶ Ditado popular

desespero. Meses depois da investigação, soube-se que todos aqueles homens foram mortos: três deles em confronto com a polícia; um adolescente com transtornos psiquiátricos, fora preso e encaminhado ao hospital psiquiátrico e, no conflito interno no hospital, foi morto. Um último – considerado o mentor da emboscada – ficara foragido por um tempo, de volta à região, fora preso e, ao ser transportado para a prisão, foi misteriosamente morto.

Referencias

MEIRELES, Cecília. Os melhores poemas de Cecília Meireles/Seleção Maria Fernanda - 14ª ed. São Paulo: Global, 2002.

MORAES, Vinicius. **Livro de Sonetos**. Livros de Portugal * Rio de Janeiro 1957.

NETO. João Cabral de Mello. **Morte e Vida Severina**. NEAD – Núcleo de Educação a Distância. Universidade da Amazônia. Belém – Pará.